

JORNAL DO LEITOR

PARA PARTICIPAR: ENVIE SEU TEXTO PARA JORNALDOLEITOR@OPOVO.COM.BR OU LIGUE PARA 3255 6088

Os textos deverão ter no máximo 1850 caracteres (com espaços) – com nome completo, endereço, telefone, e RG do remetente, que se responsabilizará pelo conteúdo. Os textos poderão ser resumidos, e **O POVO** se reserva no direito de selecioná-los para publicação.

Eu não sei, mas alguém sabe

Pablo Santos Ferreira

pablosantosjornalista@gmail.com

Sobre o conhecimento, os seres e tudo que precisamos saber para existirmos: na verdade não sei ainda para o que eles servem, além de suprir a necessidade de cada função que todos possuem. Os anciões, por exemplo, são detentores do conhecimento. O saber é adquirido por meio das vivências. Agora, com a idade juvenil que tenho, me sinto satisfeito com o parco conhecimento que detenho, mas, ao mesmo tempo, todos os dias me sinto leigo a cada situação aparecida e desconhecida. Uma engenhoca de resgate que aprendi para funcionar no dia a dia, dando funções a cada saber, mesmo que talvez eles não existam ou não funcionem.

No dia que escrevi esse texto, estava ouvindo Maysa quando minha tia falou “seu bisavô ouvia muito essas músicas na vitrola quando eu era menina”. Esse fato caiu como uma luva para mim. Como anos

de análise que eu não fiz, ou infinidas aulas que não assisti, ou mesmos conversas de bares que não presenciei. Parece que os detentores do saber flertam com o silêncio que paira e, logo após chega um barulho vindo lá do fundo do HD que diz algo a me alegrar, levando-me à um lugar de herança familiar.

Para mim, o saber tem a ver com o silêncio. Eles caminham juntos. Às vezes, a escuta, o olhar, tudo de uma maneira figurada, existem para nos silenciar e apresentar um saber detido anteriormente. Uma vez minha analista falou “talvez essa seja a primeira vez que você está vivendo”, desde então eu penso que: precisamos nos desligar, colocar os instintos para funcionarem e, através da curiosidade ou afago pelo saber, simplesmente sermos atentos ao aprendizado para que detenhamos esse tal conhecimento. Seja ele natural ou não, mas se vier para o aprendizado funcional da engenhoca da vida, acredito que devemos deixá-los guardados à vista para não os pertermos.

Enquanto estamos vivos

Clédina Medeiros

ana.medeiros@abrh-ce.org.br

Aos 72 anos, a artesã nordestina Tânia Maria fez sua estreia no cinema brasileiro. Sem formação em atuação, foi descoberta pelo diretor Kleber Mendonça Filho e tornou-se um fenômeno. Após se destacar em *Bacurau*, ganhou projeção internacional em 2025 ao atuar em *O Agente Secreto*, consolidando-se como um dos nomes que chamaram a atenção da crítica pela força e naturalidade em cena, com destaque em publicações internacionais como a *Variety*, no contexto das discussões da temporada de premiações, na categoria de Atriz Coadjuvante.

Estranhar sua história expõe o quanto ainda naturalizamos a ideia de que existe uma idade “certa” para começar. Quantas pessoas repetem, como justificativa para desistir, a frase: “meu tempo já passou”? Enquanto estamos vivos, este é o nosso tempo. A idade não invalida sonhos; ela apenas desafia nossa coragem de insistir neles e desenvolver novas capacidades.

O problema nunca foi o passar do tempo, mas o momento em que passamos a acreditar que ele nos define. Ao alcançar os “entas” — quarenta, cinquenta, sessenta — as oportunidades parecem se extinguir. O etarismo é real e estrutural, mas não é o único obstáculo. Muitas vezes, o maior bloqueio está dentro de nós, quando acreditamos que já não somos capazes de aprender, mudar ou recomeçar.

As mudanças nas regras da aposentadoria nos empurram a permanecer mais tempo no mercado de trabalho. Mas reduzir essa permanência à necessidade financeira é pouco. Trabalhar também é uma forma de se sentir útil, manter vínculos e seguir participando da sociedade.

Isso não é apenas sobre seguir trabalhando. Talvez o sonho seja morar no campo, viajar, dedicar-se a um projeto social ou a uma vida espiritual. A questão central não é o caminho escolhido, mas a decisão de viver de forma consciente e ativa. O maior risco não é envelhecer — é desistir de viver antes do fim.

O POVO EDUCAÇÃO

ESTE ESPAÇO É DESTINADO AOS TEXTOS DOS ALUNOS DE ESCOLAS PÚBLICAS, PARTICULARS E REPÓRTERES CUCA PARTICIPANTES DO PROJETO CORRESPONDENTE O POVO

Bolo de Bacuri

Melissa Vasconcelos Gomes

Membro da Academia Ubajarense de Letras e Artes

Em um dia de trabalho qualquer, experimentei o Bolo de Bacuri. Veio de Teresina, capital do Piauí, para uma mesa ibiapabana. O B maiúsculo é para dar importância: ao Bolo e ao Bacuri, por ter sido a primeira vez que comi uma massa dessa fruta amazônica tão comum no estado do Piauí. Nas minhas fontes de pesquisa, o Bacuri é nativo da Amazônia, sendo indicados o Maranhão e o Pará como os estados em que se pode encontrá-lo com maior facilidade. Mas para mim, é como se o Bacuri fosse o Piauí. O sabor dessa fruta carrega raiz e afeto - no sorvete, no Bolo e no suco, o Bacuri é uma memória afetiva do meu coração e das minhas origens piauienses. O sorvete de Bacuri que minha avó fazia e marcou minha infância, e também o que meu tio fez na comemoração do seu último aniversário em vida, lá no nosso trabalho, no mesmo prédio.

Os dias são como as contas de um terço, divididos por mistérios. Na gaveta do amanhã, não há espaço para o hoje. Enfim, ainda não terminei de falar do meu carinho pelo Bacuri, que compõe minhas primeiras memórias do trabalho atual. Assim como o sorvete tatuou minha infância, o Bolo de Bacuri se tornou uma das melhores lembranças da minha vida adulta e adoçou alguns dos muitos dias de trabalhos, cheios dos abacaxis do mundo jurídico. O doce era tão fantástico que até escrevi uma crônica sobre aqueles dias alegres no meio do meu expediente, em uma folha de agenda, que infelizmente se encharcou com o suor das minhas mãos, e depois acabei perdendo. A memória ficou, a palavra escorreu, e o doce nunca passou. No meio de tanto abacaxi, o Bolo de Bacuri.



Os dias são como as contas de um terço, divididos por mistérios. Na gaveta do amanhã, não há espaço para o hoje



O dia que Deus fez as flores

Álvaro Jansen Viana da Silva
Bancário, escritor, dramaturgo, poeta, roteirista, chargista, cronista

Certamente foi numa linda manhã que Deus fez as flores.

Acho que Ele estava tão feliz com toda a sua criação que resolveu deleitar-se criando rosas, margaridas, dália, tulipas, lírios, bromélias, jacintos e outras. Deve ter sido muito divertido criar uma copo-de-leite ou uma chuva-de-prata. Será que Ele gastou muito tempo para criar uma gardênia? Não que Ele não pudesse criar num piscar de olhos, mas minha imaginação insiste em ver Deus colando pétala por pétala, colorindo esmeradamente e perfumando-as sem nenhuma pressa. Além do mais, Ele não deve ter criado um girassol menos do que da noite para o dia, ou melhor, do dia para a noite. E as

orquídeas? Encantadoras. Um exagero de um Deus caprichoso. Como são belas! Como enchem os nossos olhos! Quando as contemplo meu coração vira olho.

Deus se ocupou em fazer flores, colocar-lhes perfume e cores. Acredito que depois de criar a última Ele sentou e ficou olhando, sentindo suas fragrâncias. O Deus que criou as flores é um Deus de um caráter extremamente bondoso. Alguém que tem sensibilidade.

Um ser capaz de amar incondicionalmente. Um enamorado que sabe presentear.

Criar flores não é nada menos que o gesto desse Deus apaixonado, que improvisa um lindo buquê, a fim de declarar seu amor à criatura, sua imagem e semelhança.

Lisonjeados, prostremo-nos agradecidos.

#justiçapororelha

Anahí Gabriella

Ex-Correspondente O POVO

Os registros do cãozinho de idade avançada revelam que Orelha tinha um olhar inocente e sereno, apesar da maldade do mundo; era um cãozinho dócil, sociável e livre. Orelha foi um cãozinho apaixonado pelo mar e por afago e não há quaisquer justificativas que valide o ato abominável, medonho e cruel pelo qual o animalzinho foi submetido.

Os dados de maus tratos aos animais aumentaram de maneira exponencial, mas antes desse caso de horror, não havia alarme nenhum. De acordo com o Conselho Nacional de Justiça (CNJ), o aumento foi de 1.400% em quatro anos, a média é de 15 casos diárias. Além disso, de acordo com os dados da matéria no site gov.br, 71% dos abusadores de animais cometem crimes contra humanos. O combate aos maus tratos contra animais é uma questão ampla de segurança pública. Outro ponto importante é que a plataforma Discord não é só um ambiente hostil, mas é um grande incentivador de práticas criminosas e cruéis, onde os jovens são desafiados a praticarem os atos mais perversos: contra si, contra outros e contra animais.

O valor de uma vida também deve ser ensinado em casa, seus filhos devem ser monitorados e responsabilizados. A perversidade não deve ser vista como erro, mas como o que ela é: perversidade. E deve ser vista com urgência.

Orelha não foi morto simplesmente e isso por si só já seria um horror. Orelha foi torturado vivo depois de ter sido tirado do seu lugar de conforto, abanando o rabinho sem ter a ciência de que não estava seguro. Orelha se tornou a imagem de luta contra esses números porque urge a urgência em que casos como esse (mas não somente) não voltem a acontecer. É urgente que nos tornemos melhores!

Fecho os meus olhos e só o que eu vejo são pregos, dor e sangue.

Como é possível ter a cabeça em paz depois disso?

Falhamos como sociedade.

E não podemos continuar a ser falhos, não sabemos o preço que isso irá nos custar.